

## **Comunicação inicial do Professor Doutor Pedro Fevereiro, em nome do CiB – Centro de Informação de Biotecnologia, na audiência com Comissão de Agricultura e Mar, em 26 de Janeiro de 2016**

O Centro de Informação de Biotecnologia é uma Associação sem fins lucrativos que se dedica à comunicação e explicação da Biotecnologia em Portugal.

Quem sou:

Professor regente da disciplina de Biotecnologia Vegetal e diretor de um laboratório de Biotecnologia de Plantas. Nos últimos 15 anos publiquei 18 artigos científicos sobre engenharia genética de plantas, trabalhando sobre 4 espécies distintas, incluindo milho.

Exmos. Senhores Deputados, quero desta forma:

1 – Transmitir-vos, mais uma vez que esta tecnologia, aplicada ao melhoramento de variedades vegetais cultivadas, não produz riscos acrescidos para a saúde humana ou animal, nem riscos acrescidos para o ambiente, quer seja o ambiente agrícola, quer o ambiente em geral. A mesma tecnologia utilizada na produção de medicamentos e no processamento industrial de alimentos (por exemplo pão e queijo) não é questionada.

2 – Transmitir-vos que o uso destas variedades não produz impactos negativos na agricultura portuguesa, que o seu uso beneficia pequenos e grandes agricultores e que ao longo de 10 anos de utilização não produziu nenhum incidente negativo aos produtores de variedades convencionais ou de agricultura biológica.

3 – Transmitir-vos que o uso destas variedades não condiciona nem a produção tradicional, nem coloca mais em risco a biodiversidade do que o uso de outras variedades agrícolas produzidas por outros métodos de melhoramento, incluindo, por exemplo, a mutagénesis não dirigida ou os cruzamentos intergenéricos.

4 – Transmitir-vos que é falso o argumento de que não existem estudos suficientes que avaliem os impactos das variedades vegetais melhoradas com esta tecnologia. Só na Europa foram gastos, nos últimos 25 anos, mais de 300 milhões de euros, envolvendo 400 grupos de investigação, sem que se tivessem detectado impactos negativos.

5 – Transmitir-vos que é abusivo o uso do argumento de que existe controvérsia científica sobre este assunto. O que existe, de facto, é controvérsia não-científica. Milhares de estudos científicos validados por pares independentes comprovam que é possível o uso com segurança desta tecnologia no melhoramento vegetal. A maioria dos poucos estudos que descrevem impactos negativos foram ou retratados pelas revistas científicas que os publicaram ou rebatidos pela larga maioria da comunidade científica.

6 – Transmitir-vos que a legislação portuguesa é bastante conservadora, que abarca todos os aspectos da utilização destas variedades e que a sua implementação, monitorizada pelo Ministério da Agricultura, é um êxito, em particular na gestão das zonas de produção.

7 – Transmitir-vos que em Portugal, em 2014, se cultivaram 8542 ha de milho GM, resistente às brocas, correspondente a 6,8% da área de milho cultivada. Este cultivo permite a pequenos, médios e grandes agricultores aumentar em 15 a 25% a sua produtividade, reduzir custos de produção, aumentar até 50% as suas receitas operacionais, reduzir os teores em micotoxinas, tudo isto mantendo o mesmo valor de mercado do seu produto.

8 – Transmitir-vos que praticamente 100% das rações comerciais para bovinos, suínos e aves incluem milho e soja GM, sendo esta ração devidamente rotulada, não se levantando qualquer questão quanto à qualidade da ração ou da carne, ovos e leite produzidos por estes animais. Que Portugal produz apenas cerca de 1/3 do milho que necessita e que é totalmente dependente da soja produzida maioritariamente por variedades GM.

9 – Finalmente transmitir-vos que as variedades melhoradas com esta tecnologia foram, em 2014, produzidas em 182 milhões de ha, correspondentes a cerca de 13% da área arável mundial, por 18 milhões de agricultores, sendo cerca de 90% pequenos agricultores de países em desenvolvimento.

Que 15 anos de cultivo as variedades resistentes a insectos permitiram a redução do uso de 50 milhões de Kg de ingredientes activos.

Por exemplo, este ano no Brasil inicia-se a produção de feijão GM resistente ao vírus do mosaico dourado do feijão para consumo humano.

Do nosso ponto de vista não faz qualquer sentido impedir os agricultores portugueses de usufruir das variedades obtidas por esta tecnologia, não só as resistentes aos insectos, mas também, por exemplo as tolerantes à secura, as quais lhes permitem competir em pé de igualdade com outros produtores em todo o mundo.

Portugal deveria transmitir à União Europeia que não concorda com a política seguida neste domínio e que esta prejudica os interesses dos agricultores e das populações.